

sim a multidão. Contudo, há plataformas elevadas, como a de meu querido pai, e também peixes das profundidades, que se agrupam em seitas.

Os três têm em comum um arraigamento direto no mito, ao qual não despojaram e secularizaram como os psicólogos. Por isso podem submeter os deuses à prova, partindo de seu próprio conteúdo substancial. Por isso estão distanciados do tempo e se nutrem das estruturas fundamentais que se repetem nos acontecimentos.

Vigo qualifica o Estado Mundial como uma das utopias permanentes que os atores da história conseguem representar com maior ou menor êxito.

“O fenômeno já aparece na história natural como uma espécie de fome, assim como na formação das moléculas gigantes. Mas estas são mais diretamente ameaçadas de destruição — e talvez sejam inclusive um de seus sinais precursores. Quanto mais se estende o Estado, mais ele depende da igualdade, sempre à custa da substância.”

Ao mesmo tempo, Vigo considera o impulso para a magnitude máxima e para a conseqüente desagregação como uma seqüência das pulsações:

“A medusa já se move quando estica sua umbrela e depois a contrai. Do mesmo modo, se sucedem no decurso da história o sonho de grandeza e a tendência ao isolamento. Boutefeu já sabia — e nós o experimentamos — que o Estado Mundial atinge seu clímax e depois desmorona do dia para a noite. Os limites do Leviatã são mais temporais que espaciais.”

Já mencionei a predileção de Vigo pelas épocas de decadência. Realmente, não se trata tanto de decadência quanto da maturidade final das altas culturas, após o primeiro calafrio. Daí serem “maiores”, para

ele, Atenas e Tebas que o império mundial de Alexandre — e de qualquer modo, prefere sempre as cidades-estados:

“Nelas se cristalizam o campo e a paisagem, enquanto os grandes impérios os lavam com barrela e os degradam à condição de províncias. Antes de Alexandre, ainda sob os sátrapas, a Ásia Menor era um reino de contos de fadas. Heródoto e o próprio Ovídio nos transmitiram um eco.”

Além disso, Alexandre leva merecidamente o predicado de Magno.

“Talvez esta magnitude tivesse sido mais pura por não ter sido enorme. Nele havia mais que um poder histórico; havia um poder divino. Foi por isso um dos últimos a entrarem no reino do mito.”

“E Cristo?”

“Cristo não é mais um mito.”

Também as guerras dos diádocos atestam, de acordo com Vigo, o caráter singular, único, de Alexandre. Eles formaram o modelo do destino dos grandes impérios. Depois se referia a Eumênio, o grego entre os macedônios, o diádoco de nossa comum predileção. A ele Eumeswil deve seu nome. Qualquer outra referência a este homem é mera arrogância de felás.

“Quando um grande império desmorona, como à época da morte de Alexandre, então as velhas tribos tentam separar-se novamente, invocando sua peculiaridade. Entretanto já a perderam, sob o peso do grande império, como o grão sob a pedra do moinho. Só conservam o nome, como as cidades gregas do tempo romano. Em contrapartida, Alexandria registra um período de esplendor.”

“Nela, a cultura já não está no sangue, mas na cabeça. Inicia-se a época dos polígrafos, dos lexicógrafos, dos especialistas e colecionadores. As antigui-